

## OS FUNDAMENTOS HISTÓRICO-FILOSÓFICOS DA IDÉIA CRISTÃ E DO ESPIRITISMO A PARTIR DAS IDÉIAS DE SÓCRATES E PLATÃO

Donaldo de Assis Borges\*

**RESUMO:** Desde os primórdios da Humanidade o homem se relaciona com o místico e o sagrado. A filosofia de Sócrates e Platão enuncia sistematicamente a forma de relação humana com os deuses e antecipa princípios cristãos e do Espiritismo. Allan Kardec, fundador da doutrina Espírita, enumera 21 (vinte e um) princípios que comprovam, segundo ele, que Sócrates e Platão são os precursores da idéia cristã e do Espiritismo. As idéias assentam-se na doutrina das vidas sucessivas e na interlocução homem-espírito como fato da natureza humana. Sócrates foi acusado e condenado pelo Tribunal de Atenas por impiedade por cultuar deuses não autorizados pelo Estado, sobretudo pelas interlocuções com seu *daimon*. Durante o período de instalação do cristianismo como religião, o poder político-religioso que alinhava Estado e Igreja, promoveu interdições às comunicações homem-espírito e colocou barreiras para evitar a volta de antigos interlocutores – sacerdotisas, profetisas, pitonisas e oráculos – incumbidos pela tradição da divulgação do pensamento dos deuses. Interditadas todas as formas de manifestação espontânea do sagrado, as condutas são criminalizadas pela Igreja e tipificadas como heresia. A autoridade da Igreja submete a natureza e a espontaneidade comunicativa ao seu controle e faz a cisão entre os dois mundos: humano e divino ou espiritual. Durante o longo período da Idade Média a palavra feminina foi cassada. Depois desse longo período de silêncio, Allan Kardec, no século XIX, dá voz novamente aos interlocutores para codificar a doutrina Espírita.

**Palavras-chave:** palingênese; comunicações espíritas; religião; espiritismo.

### INTRODUÇÃO

Sócrates e Platão são os precursores da idéia cristã e do Espiritismo. Allan Kardec, fundador da doutrina Espírita, enumera 21 (vinte e um) pontos de contato que antecipam os princípios cristãos e do Espiritismo sob o argumento de que as grandes idéias jamais irrompem de súbito. As que assentam sobre a verdade sempre têm precursores que lhe preparam parcialmente os caminhos. Depois, outros homens vêm com a missão de resumir, coordenar e completar os elementos esparsos, de reuni-los em corpo de doutrina.

Desse modo, não surgindo bruscamente a idéia, ao aparecer, encontra homens dispostos a aceitá-la. Foi exatamente isso que ocorreu com a idéia cristã, que foi pressentida pelos essênios (seita judia fundada cerca de 150 anos antes de Jesus-Cristo), tendo por principais precursores Sócrates e Platão. Kardec alerta para o fato de que o

---

\* Professor de Filosofia e de Introdução Crítica, Dogmática e História do Direito na Universidade de Franca. Professor de Filosofia, Ética, Direito da Comunicação Social, e Direito aplicado ao Turismo e Hotelaria no Centro Universitário de Franca – Uni-FACEF. Membro do Grupo Espírita de Estudos Jurídicos “Prof. Fernando Ortiz”. Articulista do Jornal Comércio da Franca.

paralelo que faz não é uma profanação ao Cristo por buscar paridade na doutrina de um pagão. Ele não vê como pagã a doutrina de Sócrates, pois que objetivava combater o paganismo; que a de Jesus, mais completa e mais depurada do que aquela, nada tem a perder com a comparação; que a grandeza da missão divina do Cristo não pode ser diminuída; que, ao demais, trata-se de um fato da História, que a ninguém será possível apagar. Os múltiplos pontos de contato dos antigos com a divindade fundamentam as idéias da palingênese e da interlocução homem-espírito como fato da natureza humana.

No entanto, essas idéias não foram bem aceitas pelos poderes constituídos, por aqueles interessados na manutenção do poder a partir da legitimidade da ordem divina. Sócrates sofreu os rigores da intolerância do Tribunal de Atenas. No mesmo sentido, o poder político-religioso que alinhava Estado e Igreja no início do cristianismo como religião de estado, instituiu barreiras ideológicas contra os antigos interlocutores da palavra revelada (sacerdotisas, oráculos, pitonisas e profetisas), impedindo a sua volta, sobretudo pelo culto de Maria como modelo da mulher que não fala, que não tem voz, para que elas como interlocutoras do sagrado não concorressem com a doutrina que desejavam instituir e que alijava as mulheres para reservar ao universo masculino o monopólio da verdade revelada.

Interditadas todas as formas de manifestação espontânea do sagrado, as condutas são criminalizadas pela Igreja e tipificadas como heresia. A autoridade da Igreja submete a natureza e a espontaneidade comunicativa ao seu controle e faz a cisão entre os dois mundos: humano e divino ou espiritual. Durante o longo período da Idade Média a palavra feminina foi cassada. No século XIX, Kardec dá novamente voz à mulher durante o processo de codificação da doutrina Espírita.

Este artigo busca estudar a relação mística humana com o sagrado nos primórdios da Humanidade, a relação dos gregos da antiguidade com os deuses, o julgamento de Sócrates perante o Tribunal de Atenas por cultuar outros deuses não autorizados pelo Estado, a proibição de Moisés de comunicação com os mortos, as interdições das comunicações espíritas pelo poder político-religioso no início do cristianismo, bem como a demonstração dos 21 (vinte e um) pontos de contato sistematizados por Sócrates e Platão que os identifica como precursores da idéia cristã e do Espiritismo. Sobretudo, mostrar que a intolerância às idéias espíritas tem sido a

marca dos que não querer deixar espargir a verdade de um novo paradigma do conhecimento.

## **1 O MÍSTICO E O SAGRADO NOS PRIMÓDIOS DA HUMANIDADE**

Desde os primórdios da humanidade o homem se relaciona com o místico e o sagrado. As formas dessa relação a princípio se constituíram de privilégios de poucos indivíduos que conseguiram interpretar e classificar essas intuições que supostamente chegariam de um mundo metafísico.

Magos, poetas, feiticeiros, pitonisas, profetas, oráculos, sacerdotes e sacerdotisas de crenças ainda não instituídas como doutrina, fizeram a intermediação desse mundo imaterial, aparentemente circunscrito. Essa intermediação visava satisfazer a necessidades humanas naturais, onde o ser busca instintivamente o sagrado, o metafísico, o ideal de perfeição e fonte de suprimento das necessidades e carências que o mundo seria incapaz de prover. “O sagrado é, podemos dizer, um reflexo dessa experiência de desamparo. O sagrado é o que transcende os nossos poderes de compreensão, comunicação e ação” (BAUMAN. 2005, p. 78).

As interpretações do sagrado dessa fase remota da humanidade não formam um corpo de doutrina instituída ou conhecimento sistematizado, antes estão incorporadas ao mundo humano como fato natural e que a tradição encarregava de validá-las, na certeza de que essas relações entre um mundo metafísico e outro material são verdadeiras, conferindo autoridade à palavra dos interlocutores.

A tradição grega, por exemplo, introjetou a idéia de que a palavra dos poetas era sagrada porque recebiam diretamente dos deuses as narrativas mitológicas, com exemplos do virtuosismo das condutas humanas. A própria consciência humana procura ordenar o caos de sua presença no mundo, e, para isso, busca não só referenciais de estabilidade e permanência (normas supostamente ditadas pelos deuses), como também de transcendência humana para ocupar lugar nesse mundo imaterial, e assim dar uma ordem dentro de um todo que vislumbra uma ordenação e uma organização (Cosmos).

Diante da imensidão e do desconhecido, o homem vê-se envolto em mistérios insondáveis, que reflexamente o faz recuar a uma posição de subalternidade e medo de um universo que congrega um poder infinitamente maior que ele mesmo desconhece:

Ao tentar resolver o mistério do poder mundano, humano, Mikhail Bakhtin, um dos mais importantes filósofos russos do século passado, começou pela descrição do “medo cósmico” – uma emoção humana, demasiadamente humana, provocada pela sobrenatural e inumana magnificência do universo. Em sua visão, o tipo de medo que serve ao poder feito pelo homem como a sua origem, protótipo e inspiração. O medo cósmico é, nas palavras de Bakhtin, a trepidação sentida “diante do imensuravelmente grande e imensuravelmente intenso: diante do céu estrelado, do volume substancial das montanhas, do mar, e o medo de convulsões cósmicas e desastres naturais” (BAKHTIN *in* BAUMAN. 2005, p. 77).

Para Bauman (2005, p. 78), no cerne do “medo cósmico” jaz a não-entidade do ser humano amedrontado, abatido e transiente, defrontado com a enormidade do universo permanente – a simples fraqueza, a incapacidade de resistir, a vulnerabilidade do frágil e delicado corpo humano revelada pela visão do “céu estrelado” ou do “volume substancial das montanhas”. Mas também a percepção de que não está ao alcance dos seres humanos apreender, entender, assimilar mentalmente o impressionante poder que se manifesta na simples grandiosidade do universo.

Esse sentimento de impotência foi expresso por Pascal:

Quando reflito sobre a breve duração de minha vida, absorvida na eternidade anterior e na eternidade posterior, no pequeno espaço que ocupo, e mesmo no que vejo, fundido na imensidão dos espaços que ignoro e que me ignoram, aterro-me e assombro-me de ver-me aqui e não em outra parte, uma vez que não existe motivo algum para que eu esteja aqui e não alhures, neste momento e não em outro momento qualquer. Quem me colocou em tais condições? Por ordem de quem me foram designados este lugar e este momento? O silêncio desses espaços infinitos me apavora. Quantos reinos nos ignoram!” (PASCAL.1999, p. 88)

As observações e os questionamentos de Pascal delineiam um quadro de incertezas e isso o apavora. O universo escapa ao seu entendimento, assim como seu eventual plano ou lógica preconcebidos em sua ação. Se verdadeiramente existe um plano ou lógica da ação, escapa à capacidade de compreensão humana. “E assim, o “medo cósmico” é também o horror do desconhecido: o terror da incerteza” (BAUMAN. 2005, p. 78).

Para escapar ao terror da incerteza, os homens naturalmente constroem o mundo simbólico para dar significado à realidade que o circunda. Os gregos estabeleceram uma forma própria de relação com o mundo por meio das divindades.

## **2 A RELAÇÃO DOS GREGOS COM AS DIVINDADES E O JULGAMENTO DE SÓCRATES**

A relação dos antigos (gregos) com as divindades dava a confiança de que a realidade e o universo poderiam ser conhecidos a partir da geração dos deuses (cosmogonia). Para os gregos havia pontos de contato entre os dois mundos: humano e divino ou espiritual. O homem encontrava-se absorvido por algo que o colocava como parte indistinta desse universo de relações: a natureza. Não havia a distinção do homem separado da natureza. A natureza compreendia todos os entes materiais e imateriais, o mundo humano e o divino. A pluralidade de deuses da antiguidade é a forma reflexa do humano projetado nas expectativas modelares dos deuses.

O mundo de relações da antiguidade – o humano e o divino ou espiritual – é, em tese, analogicamente condizente com o pensamento de Heráclito. O mundo está em constante movimento em suas oposições. No entanto, entre as oposições haverá sempre o ponto de contato. Entre o frio e o quente, o seco e o molhado, o dia e a noite, haverá sempre um momento de passagem e não de ruptura indicando que na natureza não há cisão abrupta entre um fenômeno e outro. O homem está em contato com a divindade e o mundo espiritual e, se há uma passagem, ela não é uma cisão que indique a mudança de zonas estanques e circunscritas, incomunicáveis. Antes, um devir que se comunica entre os opostos: entre a vida e a morte, entre o mundo humano e o mundo divino ou espiritual.

No seu julgamento, perante o tribunal de Atenas, Sócrates fez reflexões sobre o que, para ele, significava morrer:

Morrer é uma dessas coisas: ou o morto é igual a nada, e não sente nenhuma sensação de coisa nenhuma; ou, então, como se costuma dizer, trata-se duma mudança; uma emigração da alma, do lugar desse mundo para outro lugar. Se não há nenhuma sensação, se é como um sono em que o adormecido nada vê nem sonha, que maravilhosa vantagem seria a morte! [...] Logo, se a morte é isso, digo que é uma vantagem, porque, assim sendo, toda duração do tempo se apresenta

como nada mais que uma noite. Se, do outro lado, a morte é como a mudança daqui para outro lugar e está certa a tradição de que lá estão todos os mortos, que maior bem haveria que esse, senhores juízes? (PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. p. 71/72).

Sócrates encarava a morte com naturalidade. Para ele, a certeza de que a morte era mesmo uma passagem desse mundo para outro, onde, segundo a tradição, estão todos os mortos, foi um dos pilares do seu comportamento ético.

O fato de a alma ser mortal ou imortal deve, sem dúvida, provocar uma enorme diferença na moral. Entretanto, os filósofos conduziram sua moral sem observar isso: deliberaram passar uma hora (PASCAL. 1999, p. 89).

Mas, com Sócrates foi diferente. Ele acreditava na imortalidade da alma. Por isso, conduziu sua moral com a consciência de que levaria consigo aquilo que granjeasse durante a sua vida.

Contudo, o comportamento moral de Sócrates, lastreado por uma ética *post mortem* (fundado em valores cultuados pela divindade e que o acompanhariam após a morte), não foi suficiente para afastá-lo dos seus detratores. Ele foi acusado de corromper os jovens atenienses e de desrespeitar a tradição por não cultuar os deuses que o Estado cultuava. Eis a denúncia de Meleto: “Sócrates é réu de corromper os jovens e de não acreditar nos deuses em que o povo acredita, e sim em outras divindades novas” (PLATÃO. *Apologia de Sócrates*, 1999, p. 59).

Sócrates insurgiu-se contra as acusações que pensava ser infundadas, e de forma enfática revelou, a seu ver, o que motivou Meleto a denunciá-lo: “uma inspiração que me vem de um deus ou de um gênio [...]. Isso começou em minha infância; é uma voz que se produz e, quando se produz, sempre me desvia do que vou fazer, nunca me estimula”. É essa voz que o obstruía à atividade política: “E obstrui-me, penso, com toda a razão; ficai certos, atenienses: se há muito eu me tivesse voltado para à política, há muito estaria morto e não teria sido nada útil a vós nem a mim mesmo” (PLATÃO. *Apologia de Sócrates*, 1999, p. 59).

Porém, revela Sócrates, que durante o seu julgamento pelo Tribunal de Atenas a mesma voz não se produziu. Ela não se opôs em nenhum momento para adverti-lo:

O que ocorreu, senhores juízes, a vós é que chamo com tino de juízes, foi algo prodigioso. A usual inspiração, a da divindade, sempre foi rigorosamente assídua em opor-se a ações mínimas, quando eu ia cometer um erro; agora, porém, acaba de me ocorrer o que vós estais vendo, o que se poderia considerar, e há quem o faça, como o maior dos males; mas a advertência divina não se me opôs de manhã, ao sair de casa, nem enquanto subia aqui para o tribunal, nem quando ia dizer alguma coisa; no entanto, quantas vezes ela me conteve em meio de outros discursos! Mas hoje não se me opôs vez alguma no decorrer do julgamento, em nenhuma ação ou palavra. A que devo atribuir isso? Vou dizer-vos: é bem possível que seja um bem para mim o que acontecer e não é forçoso que acertemos quantos pensamos que a morte é um mal. Disso tenho agora uma boa prova, porque a usual advertência não poderia deixar de opor-se, se não fosse uma ação boa o que eu estava para praticar (PLATÃO. *Apologia de Sócrates*, 1999, p. 71).

A experiência lhe dizia que a ausência da voz que lhe advertia com assiduidade para opor-se a ações mínimas, quando estava prestes a cometer algum erro, indicava que sua ação era a melhor possível para o momento. Diante da condenação à morte, resigna-se, mas com a confiança de que os deuses não descuidariam de seu destino.

Vós também, senhores juízes, deveis bem esperar da morte e considerar particularmente esta verdade: não há, para o homem bom, mal algum, quer na vida, quer na morte, e os deuses não descuidam de seu destino. O meu não é consequência do acaso; vejo claramente que era melhor para mim morrer agora e ficar livre das fadigas. Por isso é que a advertência nada me impediu. [...] Bem, é chegada a hora de partirmos, eu para a morte, vós para a vida. Quem segue melhor destino, se eu, se vós, é segredo para todos, exceto para a divindade (PLATÃO. *Apologia de Sócrates*, 1999, p. 73)..

Xenofonte se diz assobrado por quais raciocínios conseguiram os acusadores de Sócrates convencer os atenienses de que ele merecia a morte por crime contra o Estado. Sócrates honrava os deuses do Estado consolidados pela tradição, fazia sacrifícios frequentes às abertas, em sua casa e nos altares públicos, quase sempre recorrendo à arte divinatória. Não havia segredo quanto a isso. Pois, “corria a voz, ateadada pelo próprio Sócrates, de que o inspirava um demônio (a palavra vem de *daimon* e significa deus ou gênio): eis, portanto, por que o culpavam de introduzir extravagâncias demoníacas” (XENOFONTE. 1999, p. 79-80).

Sócrates falava o que sentia, dizendo-se inspirado pelos deuses, aconselhava aos amigos sobre o fazer certas coisas, o abster-se de outras. Em se tratando de coisas de

resultado certo, aconselhava-os a proceder da maneira que melhor lhes parecia. Quanto às coisas de êxito duvidoso, mandava-os consultar os oráculos.

A palavra *oráculo* possui dois significados principais, que aparecem nas expressões “consultar um oráculo” e “receber um oráculo”. No primeiro caso, significa “uma mensagem misteriosa” enviada por um deus como resposta a uma indagação feita por algum humano; é uma revelação divina que precisa ser decifrada e interpretada. No segundo, significa “uma pessoa especial”, que recebe a mensagem divina e transmite para quem enviou a pergunta à divindade, deixando que o interrogante decifre e interprete a resposta recebida. Entre os gregos antigos, essa pessoa especial costumava ser uma mulher e era chamada *sibila*. (CHAUI. 2004, p. 9)

Xenofonte assevera que só tinham a ganhar os que o ouviam, e que se arrependiam os que nele não acreditavam. Sócrates era zeloso com as palavras. Não queria passar por imbecil nem por impostor aos olhos de seus discípulos, se predissesse coisas como reveladas por um deus e em seguida fosse desmentido. Para Xenofonte, fica a evidência de que Sócrates se absteria de predizer caso não estivesse certo de falar a verdade, e que essa certeza somente os deuses poderiam lhe inspirar. E se tinha fé nos deuses, como poderia negar-lhes a existência?

Sócrates tinha em mente uma hierarquia da palavra divina segundo a origem. Acreditava no seu próprio deus ou gênio, no entanto, quanto às questões mais complexas, consultava os oráculos normalmente representados pela figura feminina. Na tradição grega, as mulheres tinham a preponderância e a predominância na transmissão e interpretação da palavra divina em relação aos homens. Não só na Grécia, mas também em Roma, pode-se constatar a presença da mulher nas interlocuções com o mundo divino-espiritual.

Entre o povo hebreu as comunicações fervilhavam e estavam presentes na vida cotidiana. A atividade desregrada de intérpretes despreparados e de pessoas que queriam orientações da palavra divina para todas as situações da vida levou à decadência a qualidade dessas comunicações. Foi contra essa prática indiscriminada da arte da adivinhação que insurgiu Moisés. Era necessário impor parâmetros de conduta para evitar ruídos de comunicações de qualidade que por certo orientavam o povo hebreu. A palavra dos profetas e as mensagens divinas recebidas por Moisés não poderiam jamais se igualar às interlocuções irresponsáveis de adivinhos de ofício. Na lei de Moisés, há



duas partes distintas: a lei de Deus, promulgada no Monte Sinai, e a lei civil ou disciplinar, decretada por ele próprio (Moisés). Uma é invariável; a outra, apropriada aos costumes e ao caráter do povo, se modifica com o tempo. A lei de Deus está formulada nos dez mandamentos. É uma lei universal. Todas as outras são leis que Moisés decretou, obrigado que se via a conter, pelo temor, um povo turbulento e indisciplinado, no qual teria que combater arraigados abusos e preconceitos, adquiridos durante a escravidão no Egito. Para atribuir autoridade às suas leis, houve de lhe atribuir origem divina, conforme o fizeram todos os legisladores dos povos primitivos.

Na Grécia, Sócrates já havia manifestado a sua preocupação com a seletividade das consultas ao oráculo. Chamava de insensatos os que consultavam os oráculos sobre coisas que os deuses deram às pessoas a faculdade de saber por eles próprios. Para ele, era impiedoso o homem que consultasse o oráculo para saber a quem confiar o seu carro, a cocheiro hábil ou inapto. A quem entregar o seu navio, a bom ou mau piloto, ou sobre coisas que se pode saber por meio do cálculo, da medida ou da balança. Os homens deveriam aprender o que os conferiram os deuses a faculdade de aprender, deixando para consultar sobre o que lhes fosse velado, e que poderia ser revelado aos que distinguem com seus favores (XENOFONTE. 1999, p. 80-81).

### **3. MOISÉS E A PROIBIÇÃO DE COMUNICAR COM OS MORTOS**

As interlocuções homem-espírito eram comuns nas civilizações antigas. Os eventuais abusos dessas práticas precisavam ser contidos. A qualidade das comunicações precisava ser preservada. Moisés proíbe a comunicação com os mortos.

Muitos intérpretes da Bíblia defendem que essa proibição é na verdade uma proibição ao Espiritismo. Porém, as comunicações com o mundo espiritual eram parte da tradição, e somente alguém dotado de autoridade poderia impor essa conduta, mas não pela razão por inoportuno, mas pela força e pelo temor pelo mau que adviria para quem descumprisse a proibição.

A autoridade do homem (Moisés) precisava apoiar-se na autoridade de Deus, porém, só a idéia de um Deus terrível podia impressionar criaturas ignorantes, pouco desenvolvidas no senso moral e no sentimento de justiça. No entanto, as leis de Moisés

revestiam-se de caráter transitório, para aguardar a plenitude que viria com a terra prometida.

Severino Celestino da Silva<sup>1</sup> é totalmente contrário à idéia de que a proibição das comunicações homem-espírito por Moisés seja uma proibição ao Espiritismo. O Capítulo V – A Bíblia não condena o Espiritismo – de sua obra<sup>2</sup> é dedicado especialmente ao estudo do Deuteronômio e seu relacionamento com os princípios doutrinários espíritas. O autor apresenta alguns textos do Pentateuco em especial do Êxodo, Levítico e Deuteronômio, onde aparece claramente a tendência de mudança do seu significado e conteúdo. O estudo comparativo dos textos é feito a partir do texto em hebraico, a partir daí faz-se a transliteração, a tradução literal, texto hebraico transliterado e tradução literal. Nos textos traduzidos, observa-se a inexistência das palavras Médiun, Espiritismo ou Espírita em todos eles que são palavras que surgiram somente no século XIX, a partir da codificação da doutrina Espírita por Allan Kardec.

O estudo comparativo do Levítico, (19:31), segundo Severino, demonstra que a tradução desse versículo, na 35ª edição da Bíblia, realizada pelo Centro Bíblico Católico Editora Ave Maria<sup>3</sup>, está incorreta. Diz o versículo: “Não vos dirijais aos espíritas nem aos adivinhos: não os consulteis, para que não sejais contaminados por eles”.

A tradução correta do texto é: “Não ireis aos necromantes e nem aos adivinhos. Não procureis vos contaminar por eles. Eu sou IAHVÉH vosso Deus”. A palavra “espíritas” não aparece no texto hebraico traduzido por Severino.

No Levítico, (20:6), a tradução desse versículo na Bíblia do Centro Católico Editora Ave Maria, diz: “Se alguém se dirigir aos espíritas ou aos adivinhos para

---

<sup>1</sup> Severino Celestino da Silva é autor do livro “*Analisando as traduções bíblicas: refletindo a essência da mensagem bíblica*”, dentre outras obras. A obra tem por objetivo esclarecer ao leitor a verdadeira mensagem divina dos textos bíblicos, bem como a inexistência de condenação ao Espiritismo nos mesmos. O autor é professor do Curso de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, no Curso de Sociologia, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Ex-seminarista, pesquisador, é estudioso do hebraico e das religiões, principalmente do Judaísmo, base de todas as religiões cristãs. Nunca deixou de estudar a Bíblia, buscando sua essência e conteúdo divino em sua língua original: o hebraico. Na obra em epígrafe, demonstra o que tem ocorrido com os textos sagrados, desde a época de Moisés até o presente, levando o leitor a refletir sobre as palavras de São Jerônimo: “a verdade não pode existir em coisas que divergem”. Para tanto, utiliza conceitos do Talmude, do Midrash e dos Rabinos com relação à Bíblia (Torá). O autor é formado em Odontologia e possui curso de especialização em Periodontia, mestrado em Clínicas Odontológicas pela Universidade de São Paulo (USP), e doutorado em Odontologia Preventiva e Social pela Fundação de Ensino Superior de Pernambuco (FESP). É professor de ensino superior no curso de odontologia da Universidade Federal da Paraíba há 28 anos.

<sup>2</sup> SILVA, Severino Celestino da. *Analisando as traduções bíblicas: refletindo a essência da mensagem bíblica*. 5. Ed. João Pessoa: Idéia, 2006. p. 79-103.

<sup>3</sup> Bíblia Sagrada. “Ave Maria”. 35ª ed. São Paulo: Centro Bíblico Católico, 1982.

fornicar com eles, voltarei o meu rosto contra esse homem e o cortarei do meio de seu povo”. Segundo Severino essa tradução está incorreta, como também a tradução feita na Bíblia – Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas. Edição Brasileira de 1967 – que diz: “Quanto à alma que se virá para os médiuns espíritas e para os prognosticadores profissionais de eventos, a fim de ter relações imorais com eles, certamente porei minha face contra essa alma e deceparei dentre seu povo”.

Para Severino a tradução correta é: “Contra esse ser ou alma que vai diante dos necromantes e dos adivinhos para se prostituir seguindo-os, eu darei as minhas faces e eu cortarei de dentro do seu povo”. A lei hebraica era rígida. Consultar outros ídolos era considerado um adultério, porque a aliança do povo hebreu com IAHVÉH é comparada a um matrimônio, porém, adverte Severino, naquela época, essa consulta não poderia ser realizada por espíritas, que não existiam, e que é muito tendenciosa ou forçada a colocação das palavras Espíritas e Médiuns, nesse versículo.

Severino analisou também as traduções do Levítico, (20:27) em três textos diferentes. Na sua visão, todos eles incorretos:

Se um homem ou uma mulher se dedicarem a consultar os espíritos ou praticarem adivinhação, serão condenados à morte e serão mortos à pedrada. É a sentença que eles merecem<sup>4</sup>.

E quanto ao homem ou à mulher em quem se mostre haver um espírito mediúnico ou um espírito de predição, sem falta devem ser mortos. Devem atirar neles pedras até morrerem. Seu próprio sangue está sobre eles<sup>5</sup>.

Qualquer homem ou mulher que evocar os espíritos ou fazer adivinhações, será morto. Serão apedrejados, e levarão a sua culpa<sup>6</sup>.

O estudo comparativo aponta a falta de harmonia nas traduções quando se compara com as traduções do texto original, além da tendência à condenação ao “Espiritismo e aos médiuns”, por parte dos seus tradutores, colocando palavras que não existem no texto. Para Severino o texto correto é: “E o homem ou mulher que for necromante ou adivinho será condenado à morte. Eles serão apedrejados. Seus sangues contra eles”.

<sup>4</sup> Bíblia Sagrada. 1ª ed. Lisboa: Sociedade Bíblica de Portugal, 1993.

<sup>5</sup> Bíblia. Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas. Edição Brasileira de 1967 (Bíblia utilizada pelos “Testemunhas de Jeová”).

<sup>6</sup> Bíblia Sagrada. “Ave Maria”. 35ª ed. São Paulo: Centro Bíblico Católico, 1982.

A análise do Deuteronômio (18: 9-11), o mais citado dos textos contra o Espiritismo, também está cheio de incorreções, senão vejamos:

Quando tiveres entrado na terra que o Senhor, teu Deus, te dá, não te porás a imitar as práticas abomináveis da gente daquela terra. Não se ache no meio de ti quem faça passar pelo fogo seu filho ou sua filha, nem quem se dê à adivinhação, à astrologia, aos agouros, ao fetichismo, à magia, ao espiritismo, à adivinhação ou a evocação dos mortos<sup>7</sup>.

Quando tiveres entrado na terra que Jeová, teu Deus, te dá, não debes aprender a fazer coisas detestáveis dessas nações. Não se deve achar em ti alguém que faça seu filho ou sua filha passar pelo fogo, alguém que empregue adivinhação, algum praticante de magia ou quem procure presságios, ou um feiticeiro, ou alguém que prenda outros com encantamento, ou alguém que vá consultar um médium Espírita, ou um prognosticador profissional de eventos, ou alguém que consulte os mortos<sup>8</sup>.

Para Severino, o texto correto é:

Quando entrares na terra que Iahvéh, teu Deus, te dá, não aprendas a fazer as abominações daquelas nações. Não se achará em ti quem faça passar seu filho ou sua filha pelo fogo, nem adivinhador, nem feiticeiros, nem agoreiro, nem cartomante, nem brucho, nem mago e semelhante, nem quem consulte o necromante e o adivinho, nem quem exija a presença dos mortos.

As análises prosseguem e são ricas de detalhes, sempre no sentido de demonstrar as traduções equivocadas com o intuito de denegrir o Espiritismo ao equiparar médiuns Espíritas a encantadores e adivinhos. O encantador é aquele que pronuncia palavras, que não são uma língua, imaginando que tais palavras são mágicas. Dizem que, se uma pessoa pronunciar determinadas palavras sobre um cobra ou escorpião eles se tornarão inofensivos, e que se uma pessoa pronunciar certas palavras sobre um homem, ele não será ferido. O adivinho é aquele que realiza atos de modo a cair em estado letárgico para que sua mente seja afastada de todas as coisas externas, após o que ele prevê futuros eventos, dizendo “isto acontecerá, ou não acontecerá”, ou “é próprio fazer isto”, ou “cuidado ao fazer aquilo”. Os adivinhos faziam uso de areia, pedra ou pedaço de madeira (bastão), para, curvados sobre o solo, golpeá-lo até que sua mente estivesse em

---

<sup>7</sup> Op. cit. nota 7.

<sup>8</sup> Op. cit. nota 6.

estado de abstração. Em seguida ele fala sobre o que vê e ouve. O profeta Oséias (4:12), refere-se a esse costume quando diz: “Meu povo consulta o seu pedaço de madeira e o seu bastão faz-lhe revelações”.

A palavra consultar ou interrogar, colocada antes de necromante e adivinho, prova que, entre os Hebreus, as evocações eram um meio de adivinhação. A proibição de Moisés se dirigia exatamente a esse método ou a essa prática para se conseguir o intercâmbio. Essa prática (evocação) também é condenada pelo Espiritismo. Moisés não diz em nenhum momento se acreditava na eficácia dessas práticas. No entanto, proibia o seu uso, o que já é suficiente para concluir que ele acreditava no retorno dos mortos, caso contrário não teria proibido essas práticas. O rei Saul, em casa da pitonisa de Endor (I Samuel 28: 7-19), comprova essa crença que justificava plenamente a proibição.

Os Espíritas não exigem a presença dos “mortos” nem evocam os espíritos superiores para deles obterem revelações ilícitas, nem para retirarem delas benefícios pessoais, mas esperam as suas manifestações espontâneas, para delas receberem sábios conselhos e proporcionarem alívio àqueles que sofrem. Se os Hebreus utilizassem a comunicação com os mortos do mesmo modo e seriedade com que os Espíritas fazem hoje, certamente Moisés não os teria proibido de nada. Pelo contrário, tê-los-ia estimulado, conforme se depreende de Números (11: 26 a 30).

Nesse sentido, são sábias as palavras do profeta Jeremias (23:16-18, 21, 25, 26 e 30):

Eis o que diz o Senhor dos Exércitos: Não escuteis as palavras dos profetas que vos profetizam e que vos enganam. Eles publicam as visões de seus corações e não o que aprenderam da boca do Senhor. – Dizem aos que de mim blasfemam: o Senhor disse, tereis paz; e a todos os que andam na corrupção de seus corações: nenhum mal vos acontecerá. – Mas, qual dentre eles assistiu ao conselho de Deus? Qual o que viu e escutou o que ele disse? – Eu não enviava esses profetas; eles corriam por si mesmos; eu absolutamente não lhes falava; eles profetizavam de suas cabeças. – Eu ouvi o que disseram esses profetas que profetizavam a mentira em meu nome, dizendo: Sonhei, sonhei. – Até quando essa imaginação estará no coração dos que profetizam a mentira e cujas profecias não são senão as seduções do coração deles? Se, pois, esse povo, ou um profeta, ou um sacerdote vos interrogar e disser: Qual o fardo do Senhor? Dir-lhes-eis: vós mesmos sois o fardo e eu vos lançarei bem longe de mim, diz o Senhor (KARDEC, Allan. Evangelho Segundo o Espiritismo, p. 327)

Essa passagem do profeta Jeremias indica que, já naquela época, havia pessoas que abusavam do dom da profecia e exploravam pessoas crédulas, predizendo, por interesse próprio, coisas boas e agradáveis para satisfazer a fé simples e quase cega do povo. Essa espécie de fraude estava generalizada na nação judia, e o povo em sua ignorância, nenhuma possibilidade tinha de distinguir os bons dos maus, sendo ludibriados pelos pseudoprofetias, que não passavam de impostores ou fanáticos. A multidão, sempre crédula, não pensava em lhes contestar a veracidade dos sonhos, ou das visões; achava isso muito natural e constantemente os convidava a falar.

As preocupações de Sócrates quanto à seletividade das consultas ao oráculo e a hierarquia das comunicações demandavam questões sobre a qualidade das predições. Moisés também tinha preocupações da mesma natureza para evitar distorções no processo de condução do povo hebreu ao local que a ele estava predestinado. As palavras de Jeremias são indicativas do mau uso das predições dos pseudoprofetias. No mesmo sentido são as palavras do apóstolo S. João, quando diz: “Meus bem-amados, não creais em qualquer Espírito; experimentais se os Espíritos são de Deus, porquanto muitos falsos profetas se têm levantado no mundo” (S. João, Epístola 1ª, cap. IV, v. 1).

O Espiritismo também comunga dessa idéia. E adverte:

Entre os invisíveis, também há os que se comprazem em iludir, se se lhes depara ocasião. Os iludidos são, está-se a ver, os médiuns que se não precatam bastante. Aí se encontra, é fora de toda dúvida, um dos maiores escolhos em que muitos funestamente esbarram, mormente se são novatos no Espiritismo. É-lhes isso uma prova de que só com muita prudência podem triunfar. Aprendei, pois, antes de tudo, a distinguir os bons e os maus Espíritos, para, por vossa vez, não vos tornardes falsos profetas. Luoz, Espírito Protetor. Carlsruhe, 1861” (KARDEC [1857]. 1997, p. 328).

Essa idéia alinha-se também à mensagem dos Evangelhos de S. Lucas e S. Mateus:

A árvore que produz maus frutos não é boa e a árvore que produz bons frutos não é má; - porquanto, cada árvore se conhece pelo seu próprio fruto. Não se colhem figos nos espinheiros, nem cachos de uvas nas sarças. – O homem de bem tira boas coisas do o bom tesouro do seu coração e o mau tira-as más do mau tesouro do seu coração; porquanto, a boca fala do que está cheio o coração (S. Lucas, cap. VI, vv. 43 a 45).

Guardai-vos dos falsos profetas que vêm ter convosco cobertos de pelos de ovelha e que por dentro são lobos rapaces. – Conhecê-los-eis pelos frutos. Podem colher-se uvas nos espinheiros ou figos nas

sarças? – Assim, toda árvore boa produz bons frutos e toda árvore má produz maus frutos. – Uma árvore boa não pode produzir frutos maus e uma árvore má não pode produzir frutos bons. – Toda árvore que não produz bons frutos será cortada e lançada ao fogo. – Conhecê-la-eis, pois, pelos seus frutos (S. Mateus, cap. VII, VV. 15 a 20).

Tende cuidado para que alguém não vos seduza; - porque muitos virão em meu nome, dizendo: “Eu sou o Cristo”, e seduzirão a muitos. Levantar-se-ão muitos falsos profetas que seduzirão a muitas pessoas; - e porque abundará a iniquidade, a caridade de muitos esfriará. – Mas aquele que perseverar até ao fim se salvará. Então, se alguém vos disser: O Cristo está aqui, ou está ali, não acrediteis absolutamente; - porquanto falsos Cristos e falsos profetas se levantarão que farão grandes prodígios e coisas de espantar, ao ponto de seduzirem, se fosse possível, os próprios escolhidos (S. Mateus, cap. XXIV, VV. 4, 5, 11 a 13, 23 e 24; S. Marcos, cap. XIII, VV. 5, 6, 21 e 22).

Os Evangelhos alertam no sentido de que entre as interlocuções existem tanto as boas quanto as más, pois dependem do caráter e intenção de quem as transmite, e que cabe àquele que recebe a mensagem discernir sobre a sua veracidade. Além disso, ressalta-se, há graduações nessas interlocuções, como, aliás, admitia Sócrates. Não seria razoável admitir que somente os extremos podem se comunicar, ou seja, de um lado os espíritos maus e de outro o sumo bem e a suprema sabedoria.

#### **4. INTERDIÇÃO DAS COMUNICAÇÕES ESPÍRITAS PELO PODER POLÍTICO-RELIGIOSO NO INÍCIO DO CRISTIANISMO COMO RELIGIÃO DE ESTADO**

A condenação de Sócrates foi fruto da intolerância dos poderosos gregos que se viam ameaçados por sua sabedoria. Sobre a acusação de que cultuava outros deuses, e não os deuses oficiais do estado, esconde-se os verdadeiros motivos da perseguição por aristocratas de Atenas: Sócrates os incomodava ao questionar a legitimidade do poder. Demonstrava isso publicamente ao ensinar e debater em praça pública. As interlocuções que mantinha com seu *daimon* (deus ou gênio), davam-lhe a confiança que necessitava para firmar as suas convicções e alardeá-las, por isso foi acusado de cultuar outros deuses, e não os do estado. A condenação de Sócrates soa como interdição às interlocuções desautorizadas pelo estado. Os seus detratores não se preocuparam sequer em submeter o conteúdo dessas interlocuções à coerência das idéias. Elas não foram

submetidas ao crivo da razão para extrair delas a sua essência. Não foram submetidas ao discernimento para se averiguar se eram boas ou más, segundo a coerência das idéias.

Moisés utiliza a sua lei como instrumento de controle social. As interdições que faz das comunicações espirituais visavam afastar práticas que estavam corrompendo o povo hebreu. Ele desautorizou as evocações para práticas de adivinhação.

A mensagem vinda dos Evangelhos alerta para os que se encontram em erro ao utiliza-se dos dons espirituais para conquistar e dominar e com isso auferir vantagens, enganando pessoas.

Contudo, pelo menos na visão dos primeiros instituidores e organizadores da Igreja Católica, o discernimento individual não foi suficiente para ser o critério de seleção das interlocuções com o plano espiritual.

Duas formas de agir foram fundamentais para desestruturar e intervir sobre os processos naturais das interlocuções espirituais que ameaçavam o poder político-religioso da época: a prevalência masculina no trato das questões religiosas e a construção de uma nova imagem do modelo feminino para servir aos interesses da Igreja.

A presença exclusiva do masculino passou a ocupar todos os espaços, inclusive os espaços que eram majoritariamente ocupados pela figura feminina. Deve-se destacar o papel fundamental da palavra e a presença feminina tanto da mulher romana quanto das profetisas em geral desde a Grécia, denominadas “Sibila” (oráculo), possuidoras do dom da profecia no mundo greco-romano. Em Roma, a consulta aos oráculos sibilinos eram um monopólio do Estado, um traço característico da religião romana. Os membros do colégio sacerdotal possuíam a custódia dos livros sibilinos, mas deviam ser autorizados pelo senado antes de consultarem os textos. Como na Grécia, as profecias de Sibila, tão importantes para a política de Roma, eram necessariamente transmitidas por uma mulher, um instrumento de comunicação da revelação divina. Por meio dela, a sociedade romana recebia as advertências de Apolo, e atendia aos interesses de Roma (SIQUEIRA. 2004, p. 67-68)

A intermediação da palavra revelada por sacerdotisas, pitonisas e oráculos precisava ser interdita para imperar a verdade revelada pelas opções do universo masculino. Era necessário silenciar a voz reveladora e sábia que saía da boca da mulher. E para que não houvesse concorrência da palavra feminina com o que seria classificado



como verdade evangélica. Interditadas todas as formas de manifestação espontânea do sagrado, as condutas são criminalizadas pela Igreja e tipificadas como heresia. A autoridade da Igreja submete a natureza e a espontaneidade comunicativa ao seu controle e faz a cisão entre os dois mundos: humano e divino ou espiritual.

Para completar o quadro de interdições à mulher, a Igreja constrói a imagem da mulher mística de Maria para servir de modelo. Distanciada do mundo, ela não fala, ela não tem voz, e quem fala por ela jamais exprime o que por certo pensava. A mulher boa não tem voz. Ela é dada somente à mulher má, a que erra e que não serve de modelo. Entre os extremos, a virgem é cultuada, a mulher casada é deixada à sua sorte, e a mulher viúva tem valor se é possuidora de bens e patrocinadora dos interesses da Igreja.

O poder político-religioso interdita a voz feminina para que ela não seja concorrente da palavra revelada. Não no sentido de desvirtuá-la, mas de complementá-la e interpretá-la.

Durante a Idade Média as vozes femininas silenciam-se. E quando ressurgem são violentamente caladas. O silêncio dura longos séculos.

Em meados do século XIX, Allan Kardec dá novamente voz às mulheres para que sirvam de intérpretes dos Espíritos Superiores para codificar a doutrina Espírita, e, depois disso, elas não mais se calaram.

## **5 SÓCRATES E PLATÃO: PRECURSORES DA IDÉIA CRISTÃ E DO ESPIRITISMO**

A partir da predisposição de Kardec, uma plêiade de Espíritos vem confirmar os pressupostos socrático-platônicos da interlocução homem-espírito: (i) as comunicações não são exclusividade de uma só pessoa (oráculos), elas vicejam e são perceptíveis para as pessoas em geral; (ii) as comunicações devem ser seletivas; (iii) existe uma hierarquia das comunicações; (iv) as comunicações necessitam ser submetidas ao crivo da razão; (v) Sócrates não evocava a palavra do seu *daimon*, ela surgia quando estava prestes a cometer um erro; (vi) os oráculos não devem ser consultados sobre coisas “fúteis”.

As análises pontuais deste estudo reforçam a idéia de que Sócrates e Platão foram realmente precursores da idéia cristã e do Espiritismo. O paralelo que Kardec faz entre Sócrates e o Cristo não deve ser entendido como profanação. Contudo, Kardec (O

Evangelho Segundo o Espiritismo, p. 43) enfatiza outros fatos que merecem ser observados:

Sócrates, como o Cristo, nada escreveu, ou, pelo menos, nenhum escrito deixou. Como o Cristo, teve a morte dos criminosos, vítima do fanatismo, por haver atacado as crenças que encontrara e colocado a virtude real acima da hipocrisia e do simulacro das formas; por haver, numa palavra, combatido os preconceitos religiosos. Do mesmo modo que Jesus, a quem os fariseus acusavam de estar corrompendo o povo com os ensinamentos que lhe ministrava, também ele foi acusado, pelos fariseus de seu tempo, visto que sempre os houve em todas as épocas, por proclamar o dogma da unidade de Deus, da imortalidade da alma e da vida futura. Assim como a doutrina de Jesus só a conhecemos pelo que escreveram seus discípulos, da de Sócrates só temos conhecimento pelos escritos de seu discípulo Platão.

No entanto, Kardec julga que esses pontos de contato somente evidenciam outros de maior relevo para demonstrar a concordância deles com os princípios do Cristianismo. São os 21 (vinte e um) pontos de contato que, segundo Kardec, antecipa os princípios cristãos e do Espiritismo, que resumem as idéias de Sócrates e Platão.

Kardec aponta as idéias de Sócrates e Platão (em *itálico*), e, em seguida comenta cada uma delas (KARDEC [1857]. 1997, p. 44-52):

*I. O homem é uma alma encarnada. Antes de sua encarnação, existia unida aos tipos primordiais, às idéias do verdadeiro, do bem e do belo, separa-se deles, encarnando, e, recordando o seu passado, é mais ou menos atormentada pelo desejo de voltar a ele.*

Não se pode enunciar mais claramente a distinção e independência entre o princípio inteligente e o princípio material. É, além disso, a doutrina da preexistência da alma; da vaga intuição que ela guarda de outro mundo, a que aspira; da sua sobrevivência ao corpo; da sua saída do mundo espiritual, para encarnar, e da sua volta a esse mesmo mundo, após a morte. É, finalmente, o gérmen da doutrina dos anjos decaídos.

*II. A alma se transvia e perturba, quando se serve ao corpo para considerar qualquer objeto; tem vertigem, como se estivesse ébria, porque se prende a coisas que estão, por sua natureza, sujeitas a mudanças; ao passo que, quando contempla a sua própria essência, dirige-se para o que é puro, eterno, imortal, e, sendo ela dessa natureza, permanece aí ligada, por tanto tempo quanto possa. Cessam então os seus transviamentos, pois que está unida ao que é imutável e a esse estado da alma é que se chama sabedoria.*

Assim, ilude-se a si mesmo o homem que considera as coisas de modo terra-a-terra, do ponto de vista material. Para as apreciar com justeza, tem de as ver do alto, isto é, do ponto de vista espiritual. Aquele, pois,

que está de posse da verdadeira sabedoria, tem de isolar do corpo a alma, para ver com os olhos do espírito. É o que ensina o Espiritismo. (Cap. II, nº 5.)

*III. Enquanto tivermos o nosso corpo e a alma se achar mergulhada nessa corrupção, nunca possuiremos o objeto dos nossos desejos: a verdade. Com efeito, o corpo nos suscita mil obstáculos pela necessidade em que nos achamos de cuidar dele. Ao demais, ele nos enche de desejos, de apetites, de temores, de mil quimeras e de mil tolices, de maneira que, com ele, impossível se nos torna ser ajuizados, sequer por um instante. Mas, se não nos é possível conhecer coisa alguma, enquanto a alma nos está ligada ao corpo, de duas uma: ou jamais conheceremos a verdade, ou só a conheceremos após a morte. Libertos da loucura do corpo, conversaremos então, lícito é esperá-lo, com homens igualmente libertos e conheceremos, por nós mesmos, a essência das coisas. Essa a razão por que os verdadeiros filósofos se exercitam em morrer e a morte não se lhes afigura, de modo nenhum, temível.*

Está aí o princípio das faculdades da alma obscurecida por motivo dos órgãos corporais e o da expansão dessas faculdades depois da morte. Mas trata-se apenas de almas já depuradas; o mesmo não se dá com as almas impuras. (Céu e o Inferno, 1ª Parte, cap. II; 2ª Parte, cap. I.)

*IV. A alma impura, nesse estado, se encontra oprimida e se vê de novo arrastada para o mundo visível, pelo horror do que é invisível e imaterial. Erra, então, diz-se, em torno dos monumentos e dos túmulos, junto aos quais já se tem visto tenebrosos fantasmas, quais devem ser as imagens das almas que deixam o corpo sem estarem ainda inteiramente puras, que ainda conservam alguma coisa da forma material, o que faz que a vista humana possa percebê-las. Não são as almas dos bons; são, porém, as dos maus, que se vêem forçadas a vagar por esses lugares, onde arrastam consigo a pena da primeira vida que tiveram e onde continuam a vagar até que os apetites inerentes à forma material de que se revestiram as reconduzam a um corpo. Então, sem dúvida, retomam os mesmos costumes que durante a primeira vida constituíram objeto de suas predileções.*

Não somente o princípio da reencarnação se acha aí claramente expresso, mas também o estado das almas que se mantêm sob o jugo da matéria é descrito qual o mostra o Espiritismo nas evocações. Mas ainda, no tópico acima se diz que a reencarnação nem corpo material é consequência da impureza da alma, enquanto as almas purificadas se encontram isentas de reencarnar. Outra coisa não diz o Espiritismo, acrescentando apenas que a alma, que boas resoluções tomou na erraticidade e que possui conhecimentos adquiridos, traz, ao renascer, menos defeitos, mais virtudes e idéias intuitivas do que tinha na sua existência precedente. Assim, cada existência lhe marca um progresso intelectual e moral.

*V. Após nossa morte, o gênio (daimon, demônio), que nos fora designado durante a vida, leva-nos a um lugar onde se reúnem todos*

*os que têm de ser conduzidos ao Hades, para serem julgados. As almas, depois de haverem estado no Hades o tempo necessário, são reconduzidas a esta vida em múltiplos e longos períodos.*

É a doutrina dos Anjos guardiães, ou Espíritos protetores, e das reencarnações sucessivas, em seguida a intervalos mais ou menos longos de erraticidade.

*VI. Os demônios ocupam o espaço que separa o céu e a Terra; constituem o laço que une o Grande todo a si mesmo. Não entrando nunca a divindade em comunicação direta com o homem, é por intermédio dos demônios que os deuses entram em comércio e se entretêm com ele, quer durante a vigília, quer durante o sono.*

A palavra *daimon*, da qual fizeram o termo demônio, não era, na antigüidade tomada à má parte, como nos tempos modernos. Não designava exclusivamente seres malfazejos, mas todos os Espíritos, em geral, dentre os quais se destacavam os Espíritos superiores, chamados *deuses*, e os menos elevados, ou demônios propriamente ditos, que comunicavam diretamente com os homens. Também o Espiritismo diz que os Espíritos povoam o espaço; que Deus só se comunica com os homens por intermédio dos Espíritos puros, que são os incumbidos de lhe transmitir as vontades; que os Espíritos se comunicam com eles durante a vigília e durante o sono. Ponde, em lugar da palavra *demônio*, a palavra *Espírito* e tereis a doutrina espírita; ponde a palavra *anjo* e tereis a doutrina cristã.

*VII. A preocupação constante do filósofo (tal como o compreendiam Sócrates e Platão) é a de tomar o maior cuidado com a alma, menos pelo que respeita a esta vida, que não dura mais que um instante, do que tendo em vista a eternidade. Desde que a alma é imortal, não será prudente viver visando a eternidade?*

O Cristianismo e o Espiritismo ensinam a mesma coisa.

*VIII. Se a alma é imortal, tem de passar, após essa vida, a um mundo igualmente invisível e imaterial, do mesmo modo que o corpo, decompondo-se, volta à matéria. Muito importa, no entanto, distinguir bem a alma pura, verdadeiramente imaterial, que se alimenta, como Deus, de ciência e pensamentos, da alma mais ou menos maculada de impurezas materiais, que a impedem de elevar-se para o divino e a retêm nos lugares da sua estada na Terra.*

Sócrates e Platão, como se vê, compreendiam perfeitamente os diferentes graus de desmaterialização da alma. Insistem na diversidade de situação que resulta para elas da sua maior ou menos pureza. O que eles diziam, por intuição, o Espiritismo o prova com os inúmeros exemplos que nos põe sob as vistas.

*IX. Se a morte fosse a dissolução completa do homem, muito ganhariam com a morte os maus, pois se veriam livres, ao mesmo tempo, do corpo, da alma e dos vícios. Aquele que guarnecer a alma,*

*não de ornatos estranhos, mas os que lhe são próprios, só esse poderá aguardar tranqüilamente a hora da sua partida para o outro mundo.*

Equivale isso a dizer que o materialismo, com o proclamar para depois da morte o nada, anula toda responsabilidade moral ulterior, sendo, conseqüentemente, um incentivo para o mal; que o mau tem tudo a ganhar do nada. Somente o homem que se despojou dos vícios e se enriqueceu de virtudes, pode esperar com tranqüilidade o despertar na outra vida. Por meio de exemplos, que todos os dias nos apresenta, o Espiritismo mostra quão penoso é, para o mau, o passar desta à outra vida, a entrada na vida futura.

*X. O corpo conserva bem impressos os vestígios dos cuidados de que foi objeto e dos acidentes que sofreu. Dá-se o mesmo com a alma. Quando despida do corpo, ela guarda, evidentes, os traços do seu caráter, de suas afeições e as marcas que lhe deixaram todos os atos de sua vida. Assim, a maior desgraça que pode acontecer ao homem é ir para o outro mundo com a alma carregada de crimes. Vês, Cálicles, que nem tu, nem Pólux, nem Górgias podereis provar que devemos levar outra vida que nos seja útil quando estejamos do outro lado. De tantas opiniões diversas, a única que permanece inabalável é a de que mais vale receber do que cometer uma injustiça e que, acima de tudo, devemos cuidar, não de parecer, mas de ser homem de bem (Colóquios de Sócrates com seus discípulos, na prisão).*

Depara-nos aqui outro ponto capital, confirmado hoje pela experiência: o de que a alma não depurada conserva as idéias, as tendências, o caráter e as paixões que teve na Terra. Não é inteiramente cristã esta máxima: *mais vale receber do que cometer uma injustiça?* O mesmo pensamento exprimiu Jesus, usando desta figura: “Se alguém vos bater numa face, apresentai-lhe a outra”.

*XI. De duas uma: ou a morte é uma destruição absoluta, ou é passagem da alma para outro lugar. Se tudo tem de extinguir-se, a morte será como uma dessas raras noites que passamos sem sonho e sem nenhuma consciência de nós mesmos. Todavia, se a morte é apenas uma mudança de morada, a passagem para o lugar para onde os mortos têm de reunir, que felicidade a de encontrarmos lá aqueles a quem conhecemos! O meu maior prazer seria examinar de perto os habitantes dessa outra morada e distinguir lá, como aqui, os que são dignos dos que se julgam tais e não o são. Mas, é tempo de nos separarmos, eu para morrer, vós para viverdes (Sócrates aos seus juízes).*

Segundo Sócrates, os que viveram na Terra se encontram após a morte e se reconhecem. Mostra o Espiritismo que continuam as relações que entre eles se estabeleceram, de tal maneira que a morte não é nem uma interrupção, nem a cessação da vida, mas uma transformação, sem solução de continuidade. Houvessem Sócrates e Platão conhecido os ensinamentos que o Cristo difundiu quinhentos anos mais tarde e os que agora o Espiritismo espalha, e não teriam falado de outro mundo. Não há nisso, entretanto, o que surpreenda, se considerarmos que as grandes verdades são eternas e que os Espíritos adiantados não de tê-

las conhecido antes de virem à Terra, para onde as trouxeram; que Sócrates, Platão e os grandes filósofos daqueles tempos bem podem, depois, ter sido dos que secundaram o Cristo na sua missão divina, escolhidos para esse fim precisamente por se acharem as sublimes lições; que, finalmente, pode dar-se façam eles agora parte da plêiade dos Espíritos encarregados de ensinar aos homens as mesmas verdades.

*XII. Nunca se deve retribuir com outra uma injustiça, nem fazer mal a ninguém, seja qual for o dano que nos hajam causado. Poucos, no entanto, serão os que admitam esse princípio, e os que se desentenderem a tal respeito nada mais farão, sem dúvida, do que se votarem uns aos outros mútuo desprezo.*

Não está aí o princípio de caridade, que prescreve não se retribua o mal com o mal e se perdoe aos inimigos?

*XIII. É pelos frutos que se conhece a árvore. Toda ação deve ser qualificada pelo que produz: qualificá-la de má, quando dela provenha mal; de boa, quando dê origem ao bem.*

Esta máxima: “Pelos frutos é que se conhece a árvore”, se encontra muitas vezes repetida textualmente no Evangelho.

*XIV. A riqueza é um grande perigo. Todo homem que ama a riqueza não ama a si mesmo, nem ao que é seu; ama a uma coisa que lhe é ainda mais estranha do que o que lhe pertence.*

*XV. As mais belas preces e os mais belos sacrifícios prazem menos à Divindade do que uma alma virtuosa que faz esforços por se lhe assemelhar. Grave coisa fora que os deuses dispensassem mais atenção às nossas oferendas, do que à nossa alma; se tal se desse, poderiam os mais culpados conseguir que eles se lhes tornassem propícios. Mas, não: verdadeiramente justos e retos só o são os que, por suas palavras e atos, cumprem seus deveres para com os deuses e para com os homens.*

*XVI. Chamo homem vicioso a esse amante vulgar, que mais ama o corpo do que a alma. O amor está por toda parte em a Natureza, que nos convida ao exercício da nossa inteligência; até no movimento dos astros o encontramos. É o amor que orna a Natureza de seus ricos tapetes; ele se enfeita e fixa morada onde se lhe deparem flores e perfumes. É ainda o amor que dá paz aos homens, calma ao mar, silêncio aos ventos e sono à dor.*

*O amor, que há de unir os homens por um laço fraternal, é uma conseqüência dessa teoria de Platão sobre o amor universal, como lei da Natureza. Tendo dito Sócrates que “o amor não é nem um deus, nem um mortal, mas um grande demônio”, isto é, um grande Espírito que preside o amor universal, essa proposição lhe foi imputada como crime.*

*XVII. A virtude não pode ser ensinada, vem por dom de Deus aos que a possuem.*

É quase a doutrina cristã sobre a graça; mas, se a virtude é um dom de Deus, é um favor e, então, pode perguntar-se por que não é concedida a todos. Por outro lado, se é um dom, carece de mérito para aquele que a possui. O Espiritismo é mais explícito, dizendo que aquele que possui a virtude a adquiriu por seus esforços, em existências sucessivas, despojando-se pouco a pouco de suas imperfeições. A graça é a força que Deus faculta ao homem de boa vontade para se expungir do mal e praticar o bem.

*XVIII. É disposição natural em todos nós a de que nos aperceberemos muito menos dos nossos defeitos, do que dos de outrem.*

Diz o Evangelho: “Vedes a palha que está no olho do vosso próximo e não vedes a trave que está no vosso”.

*XIX. Se os médicos são malsucedidos, tratando da maior parte das moléstias, é que tratam o corpo, sem tratarem a alma. Ora, não se achando o todo em bom estado, impossível é que uma parte dele passe bem.*

O Espiritismo fornece a chave das relações existentes entre a alma e o corpo e prova que um reage incessantemente sobre o outro. Abre, assim, nova senda para a ciência. Com o lhe mostrar a verdadeira causa de certas afecções, faculta-lhe os meios de as combater. Quando a ciência levar em conta a ação do elemento espiritual na economia, menos freqüentes serão os seus mais êxitos.

*XX. Todos os homens, a partir da infância, muito mais fazem de mal, do que de bem.*

Essa sentença de Sócrates fere a grave questão da predominância do mal na Terra, questão insolúvel sem o conhecimento da pluralidade dos mundos e da destinação do planeta terreno, habitado apenas por uma fração mínima da Humanidade. Somente o Espiritismo resolve essa questão, que se encontra neste livro.

*XXI. Ajuizado serás, não supondo o que sabes o que ignoras.*

Isso vai com vistas aos que criticam aquilo de que desconhecem até mesmo os primeiros termos. Platão completa esse pensamento de Sócrates, dizendo: “Tentemos, primeiro, torná-los, se for possível, mais honestos nas palavras; se não o forem, não nos preocupemos com eles e não procuremos senão a verdade. Cuidemos de instruir-nos, mas não nos injuriemos.” É assim que devem proceder os espíritas com relação aos seus contraditores de boa ou má-fé. Revivesse hoje Platão e acharia as coisas quase como no seu tempo e poderia usar da mesma linguagem. Também Sócrates toparia criaturas que zombariam da sua crença nos Espíritos e que o qualificariam de louco, assim como ao seu discípulo Platão. Foi por haver professado esses princípios que Sócrates se viu ridicularizado, depois acusado de

impiedade e condenado a beber cicuta. Tão certo é que, levantando contra si os interesses e os preconceitos que elas ferem, as grandes verdades novas não podem firmar sem luta e sem fazer mártires.

Os 21 (vinte e um) pontos de contato das idéias de Sócrates e Platão, segundo Kardec, indicam a antecipação dos princípios cristãos e do Espiritismo. No entanto, elas não foram perceptíveis no passado onde o poder instituído no início da era cristã acabou fazendo prevalecer interpretações distorcidas, muitas vezes desprovidas de razoabilidade. O poder político-religioso se apropriou hegemonicamente das Escrituras Sagradas para moldá-la a seu talante. E com isso fez prevalecer uma ideologia não condizente com os ensinamentos do Cristo, pelo menos no que diz respeito às vidas sucessivas, à imortalidade da alma e à comunicação com o mundo dos espíritos.

## CONCLUSÃO

Com este breve estudo pretendeu-se mostrar os fundamentos histórico-filosóficos da idéia cristã e do Espiritismo a partir das idéias de Sócrates e Platão, considerados por Kardec precursores do cristianismo e do Espiritismo. O estudo demonstra também que a idéia do sagrado faz parte da história da Humanidade desde tempos antigos e que na antigüidade grega essa relação adquiriu forma própria. Deuses modelados segundo as expectativas humanas. No entanto, a experiência oriunda da palavra dos poetas gregos começa a ser confirmada por pessoas que se encarregam de dizer a palavra sagrada nos oráculos. Como a palavra dos poetas, a palavra que vertia do oráculo tinha significado divino e não poderia ser contestada nem refutada.

Sócrates admite as interlocuções com seu *daimon*. Essa é uma das razões principais do processo que sofre perante o Tribunal de Atenas. A intolerância dos seus julgadores não suporta a interferência de novos deuses diferentes daqueles que são considerados os deuses oficiais do Estado.

Porém, as lições de Sócrates, por analogia, levam a concluir sobre as interdições das comunicações com os mortos pelo povo hebreu. Elas não estão abertas a todos e da forma que cada um entenda segundo o próprio julgamento. Há hierarquia, seletividade, e deve prevalecer o discernimento tanto da palavra que se recebe e também do caráter e da capacidade de quem transmite a palavra divina.

As interpretações do Evangelho pelo poder político-religioso que instituiu o cristianismo como religião de Estado, faz que seja interdita a interlocução homem-



espírito, e afasta a palavra feminina como autoridade da palavra revelada. Não há mais espaço para as mulheres na religião. Ela se torna espaço exclusivo dos homens.

Para evitar a concorrência da palavra feminina a Igreja a criminaliza a conduta como heresia. Além disso, constrói simbolicamente o modelo de perfeição para as mulheres na figura mística de Maria. Essa ideologia faz que a mulher não tenha voz no espaço do sagrado.

Depois de longo silêncio durante a idade Média, a palavra feminina encontra espaço na codificação da doutrina Espírita por Allan Kardec. Para ele, o valor filosófico do espiritismo está no fato de que ele é experimentável. É, portanto, uma ontologia fenomenológica com duas faces: material e visível uma, espiritual e invisível a outra.

Os 21 (vinte e um) pontos de contato sistematizados por Sócrates e Platão, formulados por Kardec, identifica-os como precursores da idéia cristã e do Espiritismo.

A intolerância às idéias espíritas tem sido a marca dos que não querer deixar espargir a verdade de um novo paradigma do conhecimento.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRÃO, Bernadette Siqueira. *História da filosofia*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1962.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BLACKBURN, Simon. *Dicionário Oxford de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

CHAUI, Marilena. *Convite à filosofia*. 13. ed. São Paulo: Ática, 2004.

KARDEC, Allan [1857]. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 1997.

MOREIL, André. *Vida e obra de Allan Kardec*. São Paulo: Edicel, 1986.

PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

\_\_\_\_\_. *A República*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

\_\_\_\_\_. *Diálogos*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

SILVA, Severino Celestino da. *Analisando as traduções bíblicas: refletindo a essência da mensagem bíblica*. 5. Ed. João Pessoa: Idéia, 2006.

SIQUEIRA, Sílvia Márcia Alves. *A mulher na visão de Tertuliano, Jerônimo e Agostinho séc. II – V d.C.* Tese de doutorado. Unesp/Assis: 2004.

XENOFONTE. *Ditos e feitos memoráveis de Sócrates*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.